

## **LITERATURA E HUMOR: ELEMENTOS QUE CONTAM A HISTÓRIA DE UMA ÉPOCA**

**Aluna: Marcia de Sousa da Silva**  
**Orientadora: Eunícia Fernandes**

### **Introdução**

Quando iniciei minha trajetória no PET-História em 2009 escolhi trabalhar com Brasil colonial, pois naquele momento estava estudando este tema em uma disciplina, chegando a resenhar *Raízes do Brasil* de Sergio Buarque de Holanda. No ano passado, entretanto, envolvida o Projeto Escola, onde tratamos da experiência do Brasil republicano no início do século XX, me deparei com a temática do modernismo carioca da década de 20 e o debate entre a intelectualidade daquele momento.

Através da leitura de “Essa gente do Rio... Os intelectuais cariocas e o modernismo” da historiadora Ângela de Castro Gomes me vi atraída pelo tema. Com a flexibilidade proporcionada pelo PET – por ser um programa que visa a pesquisa individual do aluno e não uma pesquisa coletiva conduzida por um professor – pude mudar a temática da minha pesquisa e passei a investigar a historiografia sobre a Primeira República, na expectativa de construir reflexão que evidencie o cenário intelectual do Rio de Janeiro do início do século XX, mostrando as tensões existentes entre a intelectualidade tradicional, representada pela Academia Brasileira de Letras e uma nova intelectualidade, tida como popular ou boemia, na perspectiva do modernismo carioca.

### **Objetivos**

Através do contato com o artigo de Ângela de Castro Gomes, pude perceber que no espaço do Rio de Janeiro conviviam duas forças intelectuais: os literatos tradicionais, representados pela Academia Brasileira de Letras e os literatos boêmios. Estas duas forças não eram excludentes e nem contraditórias. Alguns literatos boêmios faziam parte do rol da ABL, como Coelho Neto e Olavo Bilac. A autora afirma estas duas forças compartilhavam um espaço de sociabilidade e solidariedade que era a produção da literatura, porém, nesta base de relacionamento havia certa tensão entre eles, um sentimento de conflito. Ângela caracteriza os boêmios como homens vinculados à tradição mundana da cidade, tendo na Rua do Ouvidor e na Avenida Central suas artérias de circulação principais. Humoristas, poetas e romancistas deslocavam-se por confeitarias, livrarias e redações de jornais formando grupos que podiam reunir nomes de grande prestígio como os já citados até nomes de jovens principiantes e recém-chegados, como o médico Mendes Fradique.

Com uma curiosidade sobre estes literatos boêmios, procuro analisá-los, olhando a forma como enxergam sua realidade e como isto se reflete em suas produções. A ênfase de meu olhar está na particularidade de linguagem destes homens, que era o uso do humor. Neste meu trabalho, procurarei analisar caricatura de Kalixto que, através de uma imagem humorizada, faz uma crítica à sociedade da época.

### **Metodologia**

Com a intenção de analisar o ambiente intelectual carioca do início do século XX, e o uso do humor como ferramenta de crítica à sociedade, realizei em um primeiro momento o

levantamento bibliográfico sobre o assunto e neste momento exponho a minha questão que perpassa a ideia de como estes literatos usavam o humor como forma de crítica social. Para isso resenhei a obra de Isabel Lustosa, *Brasil pelo Método Confuso: Humor e Boemia em Mendes Fradique* [1] e juntamente com Monica Velloso, *Modernismo no Rio de Janeiro: tribunas e quixotes* [2] mais a análise do historiador, Nicolau Sevcenko em *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República* [3] e a obra de João do Rio, *A alma encantadora das ruas* [4] construo meu artigo sobre o uso da literatura e do humor como possibilidades para o uso da história

### **Conclusão**

Apesar de não ter iniciado a análise documental, a leitura desses autores permitiu a compreensão de que, marginalizada da vida política e social, a intelectualidade boemia tinha como grande inovação a sua postura descontraída e informal: encontros em bares, confeitarias, linguagem simples, aproximação com a camada popular. Inovava principalmente com a forma de produzir crítica, o humor.

Pude também localizar a singularidade dessa expressão descontraída que até hoje apresenta resistências quanto à compreensão do uso do humor. Relacionado à falta de seriedade e de razão, identifico o humor como uma forte possibilidade de estudo e crítica, mas que tem sido pouco aproveitada. O estudo das produções e críticas que esses homens produziam, além da própria vida que estes levavam é uma grande oportunidade de reconstrução de seu determinado momento. Minhas reflexões se dirigem à expor que o historiador deve lançar de artifícios os mais diversos para dar voz ao passado que a todo momento está a nos instigar e sugerir novos caminhos.

Defendo assim que o uso da literatura de uma época e o estudo da vida de figuras importantes do cenário intelectual de determinado momento, expressam além da ampliação de fontes que auxilia o trabalho do historiador na busca de construir um passado às vezes silenciado, a possibilidade de construir a memória uma época.

### **Referências**

[1] LUSTOSA, Isabel. *Brasil pelo Método Confuso: Humor e Boemia em Mendes Fradique*. Rio de Janeiro. Editora Bertrand, 1993;

[2] VELLOSO, Mônica Pimenta. . *Modernismo no Rio de Janeiro: tribunas e quixotes*. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1996.

[3] SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

[4] JOÃO do Rio. *A alma encantadora das ruas*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1951.